

---

TRADUÇÃO - TRANSLATION

---

Prefácio à tradução francesa de *Siris*, de 1745

Jaimir Conte

Universidade Federal de Santa Catarina

conte@cfh.ufsc.br

Nota prévia ao prefácio da tradução francesa de *Siris*, de 1745

Em 1744 o filósofo e bispo irlandês George Berkeley (1685-1753) publicou, em edições consecutivas impressas em Dublin e Londres, a sua última grande obra: *Siris, a Chain of Philosophical Reflexions and Inquiries, Concerning the Virtues of Tar-water, and divers other Subjects connected together and arising One from Another* [*Siris*, uma cadeia de reflexões e investigações filosóficas acerca das virtudes da água de alcatrão e diversos outros assuntos relacionados entre si e derivados uns dos outros]. Mais do que qualquer outro de seus escritos anteriores, esta obra de Berkeley teve um sucesso imediato no Reino Unido, ampliado também para o continente europeu pelas quase imediatas traduções parciais para o holandês e alemão, e pela tradução integral em francês publicada em 1745.

A publicação agora, em 2022, pela Editora da UNESP, da primeira tradução para o português desta obra de Berkeley, torna oportuno resgatar e publicar, a seguir, a tradução do prefácio da tradução francesa publicada em 1745.

A tradução francesa de *Siris* foi realizada por David-Renaud Boullier (1699-1759), um escritor nascido em Utrecht que ocupou em Londres, no período de 1722 a 1734, o cargo de pastor da Igreja Reformada Francesa. (Popkin, 1958, p. 365). Da mesma forma que Berkeley, em seus escritos Boullier também lutou contra o ceticismo pirrônico, que ele via como “a doença mais generalizada do nosso século” (citado por Popkin, 1958, p. 365). Essa comunhão de objetivos, a luta contra o ceticismo e a irreligião, pode ter levado Boullier a se interessar por Berke-



ley, e mesmo a citá-lo na edição revisada de seu *Essai philosophique*, de 1737. Embora não tenha se tornado um discípulo de Berkeley, e discordasse de vários pontos de sua doutrina imaterialista, Boullier aparentemente manteve uma grande amizade e admiração por Berkeley, a quem ele considerava como um dos maiores filósofos da época, acima de Leibniz, Locke e Diderot. (Popkin, 1958, p. 369).

No prefácio à sua tradução francesa de *Siris*, além de oferecer um bom resumo desta obra de Berkeley, Boullier explica o imaterialismo de Berkeley e o apresenta favoravelmente como um antídoto interessante para as concepções materialistas.

Em uma nota inserida numa coletânea póstuma, de 1759, *Pièces philosophiques et littéraires*, Boullier declarou que ele não podia aceitar todas as concepções do “ilustre Berkeley, apesar da veneração extrema que eu tinha por ele e a amizade singular com a qual ele me homenageava.” (*Pièces philosophiques*, p. 187, citado por Popkin, 1958, p. 370).

Segundo Popkin, a referida nota “sugere que houve contato pessoal e amizade entre Berkeley e Boullier”; Que os dois “podem ter facilmente se encontrado durante a primeira estadia de Boullier em Londres, de 1722 a 1734, particularmente... após o retorno de Berkeley da América e antes de sua partida para Cloyne.” (Popkin, 1958, p. 366). De acordo com Popkin, há evidências de que Berkeley teria ido constantemente a Londres no período de 1731 ao início de 1734. No entanto, com base nas poucas referências que Berkeley faz a Boullier em sua correspondência, seria difícil determinar “a extensão das relações de Berkeley com seu admirador, o francês calvinista.” Ainda assim há indícios de que Berkeley também nutria uma admiração por Boullier. Em 1741 ele pediu a Thomas Prior que lhe enviasse uma cópia do livro francês de M. Bouillet, provavelmente o *Essai philosophique*, e, em 1751, que a Archdale procurasse para ele um outro exemplar da tradução francesa de *Siris*. (Popkin, 1958, p. 366).

Embora Boullier nunca tenha se sentido inclinado a se tornar, depois do americano Samuel Johnson, o segundo discípulo de Berkeley, Boullier revela uma grande admiração pela habilidade com a qual Berkeley desenvolve sua argumentação e constrói sua metafísica. Segundo Popkin,

Enquanto a maioria das pessoas que tinham ouvido falar sobre o plano de Berkeley para combater o ceticismo e o ateísmo negando a existência da matéria consideravam esta afirmação como uma piada, Boullier parece tê-lo levado a sério. O teólogo calvinista parece ter visto que a habilidosa dialética e a engenhosa metafísica de Berkeley constituíam, realmente uma defesa das visões religiosas sobre mundo, ao passo que as outras filosofias ‘modernas’, intencionalmente ou não, forneciam bases racionais para esta era de descrença. Como resultado, Berkeley e Boullier foram aliados que se esforçaram para manter uma base intelectual para o cristianismo diante do surgimento de tendências céticas e materialistas no mundo erudito. Eles estavam plenamente de acordo sobre as conclusões religiosas e diferiam apenas sobre os meios para alcançá-las. Boullier poderia propor seu caminho como o mais razoável, mas ao mesmo tempo defendeu seu irmão de batalha e o proclamou como um dos heróis do seu tempo (Popkin, 1958, p. 370).

#### REFERÊNCIAS:

BERKELEY, George. *Recherches sur les vertus de l'eau de goudron, où l'on a joint des réflexions philosophiques sur divers autres sujets*. Trad. David-Renaud Boullier. Amsterdam, 1745. [Disponível em <https://archive.org> ]

BERKELEY, George. *Alciphron/Siris. Tradução, apresentação e notas de Jaimir Conte*. São Paulo: Editora da UNESP, 2022.

POPKIN, Richard H. “David-Renaud Boullier et l'évêque Berkeley”. In: *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, 148 (1958), pp. 364-370.

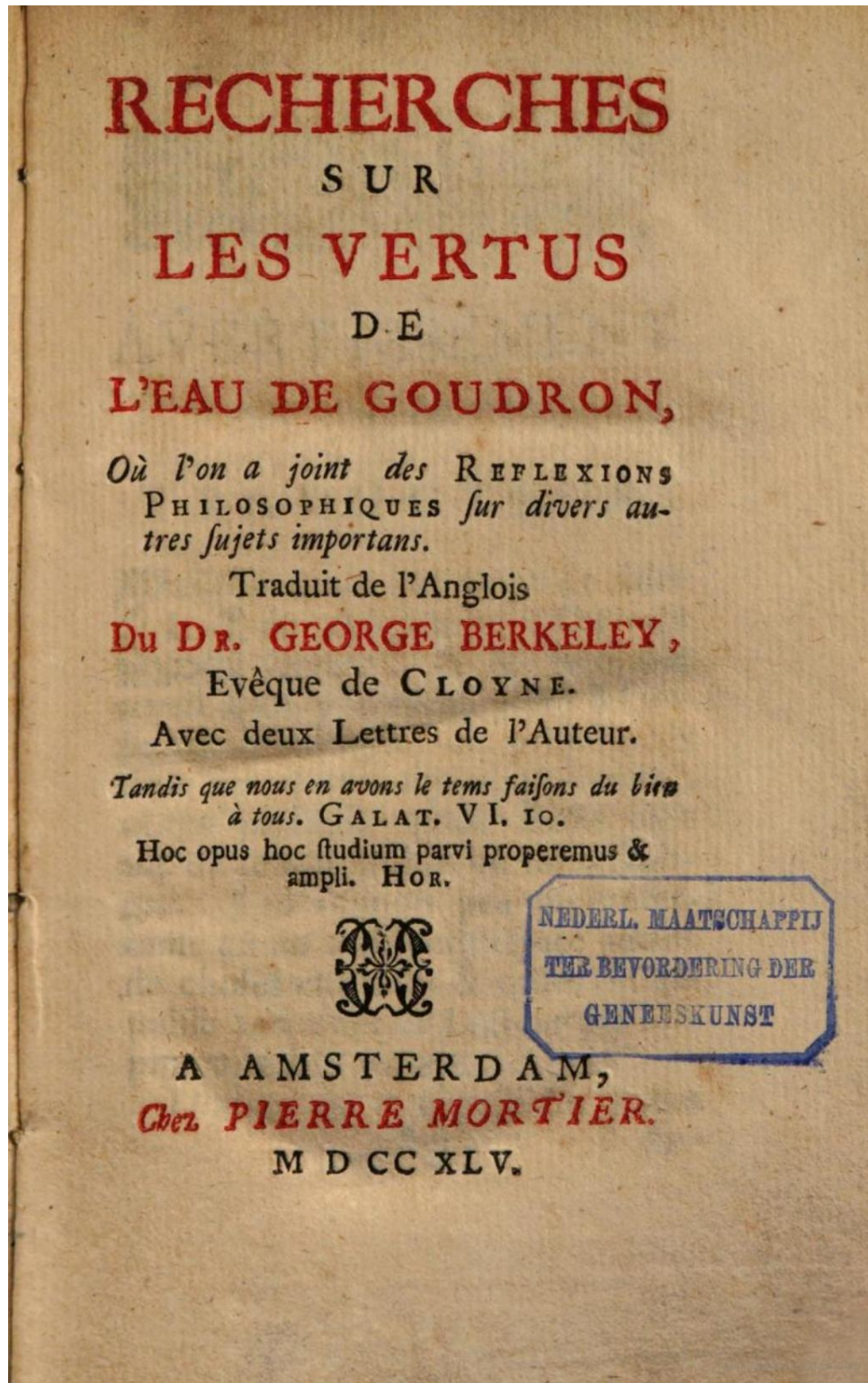


Figura 1 – Capa da tradução francesa de Siris, publicada em 1745



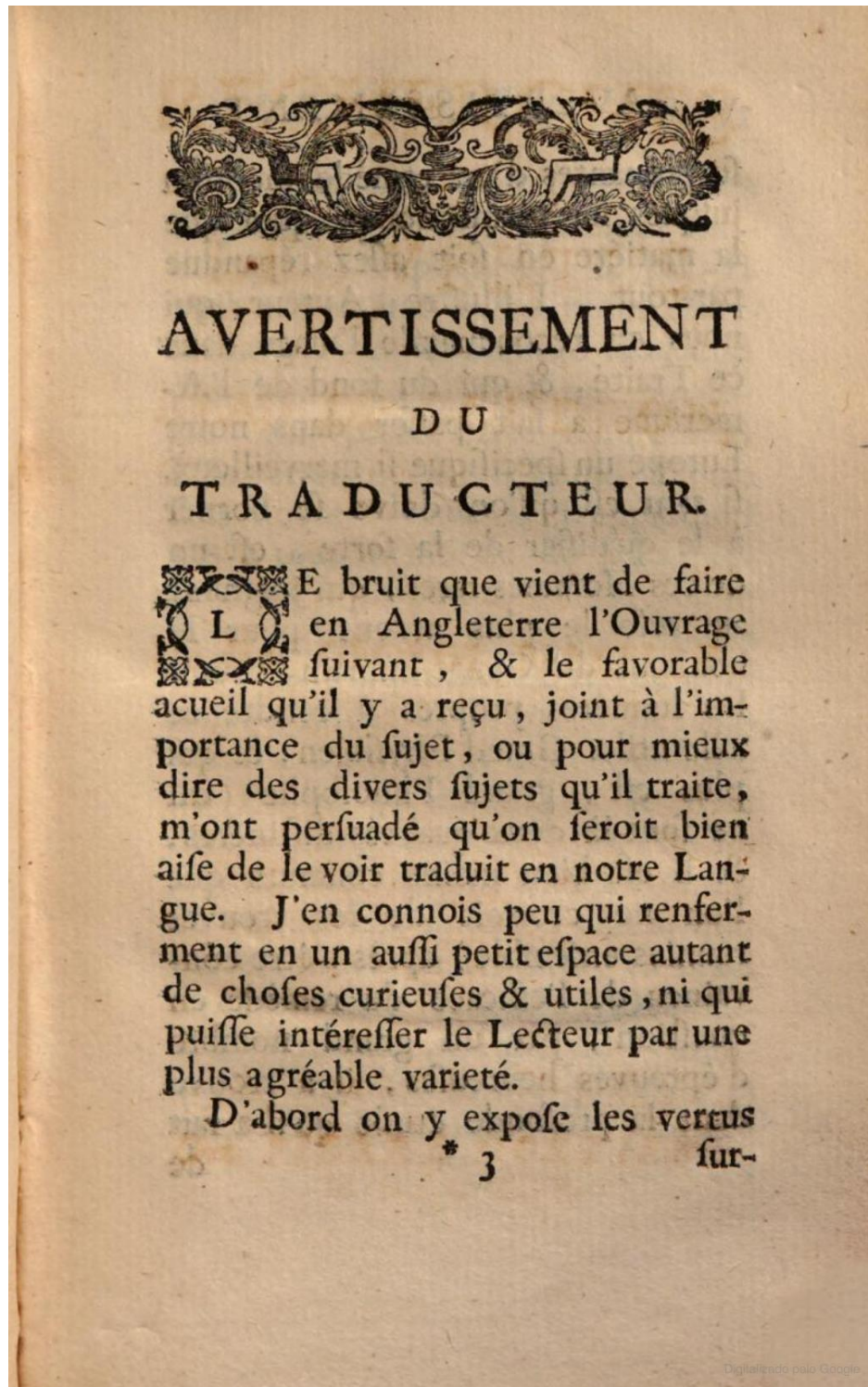


Figura 2 – Avertissement du traducteur

[A edição não identifica o nome do tradutor e autor do prefácio, mas não resta dúvida quanto a autoria de David-Renaud Boullier]

## Prefácio à tradução francesa de *Siris*, de 1745

David-Renaud Boullier<sup>1</sup>

Tradução: Jaimir Conte

UFSC

O rumor que a obra a seguir acaba de produzir na Inglaterra, e a recepção favorável que ela teve, somados à importância do assunto, ou melhor, dos vários assuntos que ela trata, persuadiram-me de que ficaríamos felizes em vê-la traduzida para o nosso idioma. Conheço poucas que encerram tantas coisas curiosas e úteis em tão pouco espaço, ou que possam interessar ao leitor por uma variedade mais agradável.

Em primeiro lugar, exponhamos as virtudes surpreendentes de um remédio até agora desconhecido entre nós, embora o assunto esteja bastante difundido em todos os lugares. O ilustre autor que recomenda seu uso neste Tratado, e que do interior da América trouxe para a Europa um medicamento específico tão maravilhoso, se de fato temos que nos limitar a qualificá-lo dessa maneira, é um desses homens raros, que unem ao mais ardente zelo pela felicidade do gênero humano todo o esclarecimento necessário para tornar útil esse zelo. Grande naturalista e, além do mais, um grande filósofo (porque se trata de duas qualidades distintas, e é muito menos comum do que se pensa encontrá-las juntas) depois de se convencer da eficácia do remédio em questão, por um grande número de tentativas bem-sucedidas, ele descobriu, no profundo estudo que fez da natureza, os meios para subsumir suas experiências a princípios sólidos que as explicam, e assim começou a variar as próprias experiências e a ampliá-las muito mais, seguindo uma analogia que parece muito razoável. A experiência é, sem dúvida, uma grande mestra; mas nem todo o mundo sabe interrogar essa mestra, fazê-la falar ou aproveitar todas as suas lições. Isso é o que nosso autor realizou, de modo a atrair a reconhecimento do público que colherá os frutos de seus generosos cuidados. E

---

<sup>1</sup> Prefácio do tradutor David-Renaud Boullier à primeira tradução francesa de *Siris*, publicada com o título *Recherches sur les vertus de l'eau de goudron, où l'on a joint des réflexions philosophiques sur divers autres sujets* (traduit de l'anglais.), Amsterdam: Pierre Mortier, 1745. (N. T.)

não podemos realmente nos surpreender muito ao ver aqui uma teoria engenhosa que, inteiramente baseada nos fatos, explica tão bem a experiência. A economia animal, a análise química, a organização das plantas, a natureza de seus sucos, as propriedades conhecidas dos sais, dos óleos, dos bálsamos, etc. as mais invioláveis máximas e as mais constantes observações da medicina, tudo contribui para mostrar aqui que os efeitos salutareos produzidos em tais circunstâncias pela água de alcatrão em tantos pacientes e em doenças de diferentes tipos, essa água deve tê-los necessariamente produzido.

Mas o objeto do livro está longe de se limitar a isso. O autor tem em vista visões mais amplas e, ao trabalhar pela saúde do corpo prepara um excelente alimento para o espírito. A partir de investigações sobre as plantas e suas diferentes resinas, ele passa a considerar os primeiros elementos dos corpos, as leis pelas quais toda a natureza é governada e a harmonia geral que reina entre as partes deste universo. Ele levanta seu voo ainda mais alto, e ficamos totalmente surpresos, sem sabermos por qual encantamento isso ocorreu, aos nos vermos subitamente transportados para a região das ideias puras e para as vias menos percorridas do mundo intelectual. Não tenho dúvidas de que aqueles que se sentirem fortes o suficiente para seguir o autor até esse ponto, lhe serão gratos pelo agradável engano que este lhes proporcionou, ao dar-lhes muito mais do que o título do livro parecia prometer.

No fundo, porém, se prestarmos bem atenção no título, ele promete muito da parte de um escritor como o nosso. *Siris*<sup>2</sup> como se intitula o original inglês, significa uma cadeia. Trata-se, de fato, de uma série de pensamentos e reflexões que estão todos ligados entre si, e cujo encadeamento conduz a grandes distâncias do lugar de onde se partiu inicialmente. Esta aparente desordem tem suas graças e seus usos, que muitas pessoas preferirão ao método regular e simétrico de certos escritos dogmáticos. Ele contém até mesmo uma ordem oculta, que é precisamente a que costuma seguir em seus pensamentos todo espírito nascido para especulações elevadas. Um gênio dessa natureza não tende a se restringir dentro dos limites de um assunto menor. As primeiras visões que esse assunto lhe fornece o le-

---

<sup>2</sup> Σείρις catena encontra-se em Xenofonte, embora σείρα seja mais utilizada entre os gregos. Eu suprimi esse título, demasiado obscuro para a comunicação com os meus leitores, contentando-me com o equivalente. (N.T.)

vam a outras mais gerais; à medida que ele pensa, amplia cada vez mais seu terreno; e por um progresso imperceptível da meditação, cujo curso é regulado pela conexão que as verdades têm umas com as outras, não demora muito para compreender os primeiros princípios. Não preciso advertir meu leitor que é grande a diferença entre um semelhante escritor e esses autores superficiais, que ao percorrem tantos países sem mal colocar seus pés em terra congratulam-se por terem reunido confusamente no mesmo volume muitas coisas desconexas e incompatíveis. Estes, como borboletas, esvoaçam aleatoriamente sobre mil objetos diferentes, os quais sua visão apenas examina superficialmente um após outro. Aquele é uma águia que levanta voo e que, de um ponto de vista muito elevado, abarca, por assim dizer, todo o hemisfério num relance.

Nosso erudito prelado não tem pela Antiguidade esse desprezo injusto que muitos modernos têm; portanto, em quase todas as partes ele se baseia em noções da filosofia antiga, da qual parece que as principais obras lhe são familiares. É agradável ver com que clareza ele desvenda esse caos de opiniões aparentemente estranhas, com que destreza ele as reconcilia e muitas vezes as reduz a um sentido muito razoável. Por menos que alguém se interesse pela honra da natureza humana, deve certamente agradecê-lo por ter livrado a doutrina desses primeiros sábios da Grécia e do Oriente de não sei quantas extravagâncias ímpias que lhe foram imputadas só por falta de compreensão. Em particular, veremos que ele explicou de maneira tão clara seu sistema sobre a alma do mundo, que em vão nossos espinosistas e nossos outros espíritos fortes pretenderão doravante reivindicar esses grandes nomes.

Embora o espírito humano sempre tenha tido muita inclinação a se extraviar, há, no entanto, razões para acreditar que certas verdades fundamentais, como aquelas que dizem respeito a Deus, a uma Providência, à natureza da nossa alma, etc., foram ao longo dos séculos conhecidas pelos espíritos bons, e não é sem uma grande satisfação que, entre os filósofos antigos, através da obscuridade muitas vezes afetada de seu estilo, pode-se discernir o testemunho que eles lhes deram. Esses filósofos pensaram profundamente, e geralmente tinham pontos de vistas muito justos e muito luminosos. O que lhes faltava, conhecer o método, a clareza, a precisão, é uma vantagem que temos sobre eles; e ainda que fosse apenas como

reconhecimento pelas coisas belas que nos deixaram, deveríamos, parece-me, fazer que sirvam para colocar seus pensamentos em uma perspectiva melhor.

Aqueles que não conseguem se familiarizar com o vazio e atrações que os filósofos ingleses voltaram a honrar durante cerca de sessenta anos, logo perceberão, se se dedicarem a seguir as ideias do Sr. Berkeley, que, embora ele fale a linguagem desses filósofos, está a salvo das objeções que se podem fazer a eles a esse respeito. Segundo ele, os corpos não têm neles nenhuma força, nenhum princípio interior de movimento. Todos os fenômenos naturais que atingem nossos olhos são o efeito imediato da ação de Deus, regulados segundo determinadas leis. Cabe apenas aos espíritos serem verdadeiros agentes, verdadeiros princípios de ação. Só neles reside um poder propriamente dito e, para dizê-lo claramente, só eles são as verdadeiras substâncias; o mundo corpóreo não têm uma existência absoluta, e não deve ser considerado senão como um conjunto de aparências, como um curso regulado de fenômenos ligados entre si com uma admirável regularidade e sujeito a uma certa ordem que a sabedoria divina estabeleceu para o uso e a correspondência mútua dos seres inteligentes.

Seja o que este sistema for, aquele que tinha o direito natural de reivindicar toda honra em relação a ele nos assegura que não é novo e que está também perfeitamente de acordo com as ideias de Aristóteles e de Platão; e deixa esse julgamento àqueles que são capazes de sopesar adequadamente as razões. Ainda assim, é verdade que muitos dos nossos filósofos, geômetras e mecanicistas atuais, com sua gravidade absoluta, seu espaço criado ou incriado, suas virtudes atrativas e repulsivas de vários tipos, suas tendências ao movimento, suas forças mortas e vivas, enfim, com essa deplorável parafernália de propriedades inconcebíveis e inexplicáveis que eles admitem nos corpos, lançaram uma estranha incerteza sobre toda a filosofia. Ao dotar a matéria de tantas faculdades raras, nos vemos forçados a não saber mais o que a matéria é; eles a espiritualizam; confundem substâncias de diferentes tipos e abusam miseravelmente do testemunho dos nossos sentidos para contradizer a evidência de nossas ideias.

Depois de transformar assim a matéria num espírito, não devemos nos surpreender se muitos desses senhores acreditarem que nossa é alma material; e se



eles classificarem o pensamento e sentimento entre tantas outras operações ou propriedades maravilhosas, das quais, segundo eles, nada impede que a matéria seja suscetível. É este então o fruto que devemos tirar do estudo da natureza? E o tão alardeado progresso da física moderna logrará apenas nos lançar de volta em tal obscuridade? Não, senhores, os mecanicistas podem fazer o que bem quiserem, todos os seus cálculos sublimes não apagarão as diferenças profundamente gravadas na natureza das coisas. A substância inteligente não pode ser uma substância visível e palpável, e a causa ativa que só imprime o movimento não pode ser confundida com o ser passivo que a recebe. Sendo o movimento nos corpos só uma imagem e, por assim dizer, a sombra desse poder que reside somente nos espíritos; ele prova esse poder dos espíritos pelo próprio fato de que é o seu efeito, e, portanto, estabelece sua existência inteiramente separada daquela dos corpos. É raciocinando desta maneira que o verdadeiro filósofo reconduz toda a sua investigação física ao seu verdadeiro propósito. Ele ascende constantemente do corpo ao espírito. Nas leis fixas da natureza ele vê a liberdade soberana de seu autor. Longe de atribuir à matéria forças e faculdades que ela não possui, seus diversos fenômenos são para ele apenas outros tantos sinais e expressões do poder da inteligência eterna de um Ser simples, imaterial, infinito.

Como a intenção do bispo de Cloyne não era esgotar os assuntos tratados, senão fornecer de uma maneira especial uma variedade de aforismos nos quais se contenta em tocar superficialmente as opiniões e proporcionar as aberturas que sua meditação lhe oferece, ocorreu-me acrescentar várias notas à minha tradução, nas quais eu teria o cuidado de esclarecer, desenvolver e de apoiar várias verdades importantes que o texto apenas indica sucintamente. Além disso, como os antigos filósofos são mencionados, eu poderia ter citado suas palavras o tempo todo, discutido frequentemente seu significado e disposto favoravelmente essas observações com todos os cuidados da crítica. Mas acreditei que o melhor caminho a seguir era conformar-se ao espírito do autor, que parece ter desejado deixar à inteligência de seus leitores algo para fazer, e que, por outro lado, parece evitar deliberadamente qualquer aparato de erudição supérflua.

Limitei-me, então, ao simples ofício de intérprete e procurei traduzir fielmente o original, que, para afirmar-se não precisava de nenhum floreio estrangeiro.

Além disso, é bom que se saiba que respeitamos a terceira edição da *Siris*, publicada recentemente em Dublin sob a supervisão do autor, e que tivemos o cuidado de aproveitar os acréscimos e as correções manuscritas que ele teve a gentileza de comunicar.

\* \* \*